

1

Do que passei em minha mocidade neste reino até que me embarquei para a Índia

QUANDO ÀS VEZES PONHO DIANTE DOS OLHOS os muitos e grandes trabalhos e infortúnios que por mim passaram, começados no princípio da minha primeira idade e continuados pela maior parte e melhor tempo da minha vida, acho que com muita razão me posso queixar da ventura que parece que tomou por particular tenção e empresa sua perseguir-me e maltratar-me, como se isso lhe houvera de ser matéria de grande nome e de grande glória; porque vejo que, não contente de me pôr na minha Pátria logo no começo da minha mocidade, em tal estado que nela vivi sempre em misérias e em pobreza, e não sem alguns sobressaltos e perigos da vida, me quis também levar às partes da Índia, onde em lugar do remédio que eu ia buscar a elas, me foram crescendo com a idade os trabalhos e os perigos. Mas por outro lado, quando vejo que do meio de todos estes perigos e trabalhos me quis Deus tirar sempre a salvo e pôr-me em segurança, acho que não tenho tanta razão de me queixar de todos os males passados, quanta tenho de lhe dar graças por este só bem presente, pois me quis conservar a vida para que eu pudesse fazer esta rude e tosca escritura que por herança deixo a meus filhos (porque só para eles é minha intenção escrevê-la) para que eles vejam nela estes meus trabalhos e perigos da vida que passei no decurso de vinte e um anos, em que fui treze vezes cativo e dezessete vendido, nas partes da Índia, Etiópia, Arábia Feliz, China, Tartária,

Macáçar, Samatra e outras muitas províncias daquele oriental arquipélago dos confins da Ásia, a que os escritores chins, siameses, guéus, léquios, chamam em suas geografias a pestana do mundo, como ao adiante espero tratar muito particular e muito amplamente. Daqui por um lado tomem os homens motivo de não desanimarem com os trabalhos da vida para deixarem de fazer o que devem, porque não há nenhuns, por grandes que sejam, com que não possa a natureza humana, ajudada do favor divino, e por outro me ajudem a dar graças ao Senhor onipotente por usar comigo da sua infinita misericórdia, apesar de todos meus pecados, porque eu entendo e confesso que deles me nasceram todos os males que por mim passaram, e dela as forças e o ânimo para os poder passar e escapar deles com vida. E tomando para princípio desta minha peregrinação o que passei neste Reino, digo que depois de ter vivido até à idade de dez ou doze anos na miséria e estreiteza da pobre casa de meu pai na vila de Montemor-o-Velho, um tio meu, parece que desejoso de me encaminhar para melhor fortuna, me trouxe para a cidade de Lisboa e me pôs ao serviço de uma senhora de geração assaz nobre e de parentes assaz ilustres, parecendo-lhe que pela valia tanto dela como deles poderia haver efeito o que ele pretendia para mim. Isto era no tempo em que na mesma cidade de Lisboa se quebraram os escudos pela morte de El-Rei D. Manuel, de gloriosa memória, que foi em dia de Santa Luzia, aos treze dias do mês de Dezembro do ano de 1521, de que eu estou bem lembrado, e de outra coisa mais antiga deste reino me não lembro. A tenção deste meu tio não teve o sucesso que ele imaginava, antes o teve muito diferente, porque havendo ano e meio, pouco mais ou menos, que eu estava ao serviço desta senhora, me sucedeu um caso que me pôs a vida em tanto risco que para a poder salvar me vi forçado a sair naquela mesma hora de casa, fugindo com a maior pressa que pude. E indo eu assim tão desatinado com o grande medo que levava, que não sabia por onde ia, como quem vira a morte diante dos olhos e a cada passo cuidava que a tinha comigo, fui ter ao cais da pedra onde achei uma caravela de Alfama que ia com cavalos e fato de um fidalgo para Setúbal, onde naquele tempo estava El-Rei D. João III, que santa glória haja com toda a corte, por causa da peste que então havia em muitos lugares do Reino: nesta caravela me embarquei eu, e ela partiu logo. Ao outro dia pela manhã, estando nós em frente de Sesimbra, nos atacou um corsário francês, o qual abalroando conosco, nos lançou dentro quinze ou vinte homens, os quais sem resistência ou reação dos nossos, se assenhorearam do navio, e depois de o terem despojado de tudo quanto acharam nele, que valia mais de seis mil cruzados, o meteram no fundo; e a dezessete que escapamos com vida, atados de pés e mãos, nos meteram no seu navio com a intenção de nos venderem em Larache, para onde se dizia que iam carregados de armas que para negociar levavam aos

mouros. E, trazendo-nos com esta determinação mais treze dias, banqueteados cada hora de muitos açoites, quis a sua boa fortuna que ao cabo deles, ao pôr-do-sol, vissem um barco e seguindo-o aquela noite, guiados pela sua esteira, como velhos oficiais práticos naquela arte, a alcançaram antes de ser rendido o quarto da modorra, e dando-lhe três descargas de artilharia a abalroaram muito esforçadamente; e ainda que na defesa tivesse havido da parte dos nossos alguma resistência, isso não bastou para que os inimigos deixassem de entrar nela, com morte de seis portugueses e dez ou doze escravos.

Era este navio uma formosa nau de um mercador de Vila do Conde, que se chamava Silvestre Godinho, que outros mercadores de Lisboa traziam fretada de S. Tomé, com grande carregamento de açúcares e escravaria, a qual os pobres roubados, que lamentavam sua desventura, calculavam que valesse quarenta mil cruzados. Logo que estes corsários se viram com presa tão rica, mudando o propósito que antes traziam, se fizeram a caminho de França e levaram consigo alguns dos nossos para serviço da mareação da nau que tinham tomado. E aos outros mandaram uma noite lançar na praia de Melides, nus e descalços e alguns com muitas chagas dos açoites que tinham levado, os quais desta maneira foram ao outro dia ter a Santiago de Cacém, no qual lugar todos foram muito bem providos do necessário pela gente da terra, e principalmente por uma senhora que aí estava, de nome D. Brites, filha do Conde de Vilanova, mulher de Alonso Perez Pantoja, comendador e alcaide-mor da mesma vila.

Depois que os feridos e os doentes foram convalescidos, cada um se foi para onde lhe pareceu que teria o remédio mais certo de vida, e o pobre de mim com outros seis ou sete tão desamparados como eu, fomos ter a Setúbal, onde me caí em sorte lançar mão de mim um fidalgo do Mestre de Santiago, de nome Francisco de Faria, o qual servi quatro anos, em satisfação dos quais me deu ao mesmo Mestre de Santiago, como seu moço de câmara, a quem servi um ano e meio. Mas porque o que então era costume dar-se nas casas dos príncipes me não bastasse para minha sustentação, determinei embarcar-me para a Índia, ainda que com poucas ilusões, já disposto a toda a ventura, ou má ou boa, que me sucedesse.

2

Como deste reino me parti para a Índia, e do que sucedeu à armada em que fui

AOS ONZE DIAS DO MÊS DE MARÇO do ano de mil e quinhentos e trinta e sete, parti deste reino em uma armada de cinco naus, em que não havia capitão-mor, apenas somente os capitães particulares das naus, os quais eram: na nau *Rainha*, D. Pedro da Silva, que por alcunha se chamava o Galo, filho do Conde Almirante D. Vasco da Gama, na qual trouxe a ossada de seu pai, que El-Rei D. João que então estava em Lisboa mandou receber com o maior aparato e pompa fúnebre com que até hoje nenhuma outra fora recebida, a não ser de rei; na nau *S. Roque*, D. Fernando de Lima, filho de Diogo Lopez de Lima, alcaide-mor de Guimarães, que logo no ano seguinte de 1538, faleceu em Ormuz, sendo capitão da fortaleza; na nau *Santa Bárbara*, seu primo Jorge de Lima, que ia para capitão de Chaul; na nau *Flor do Mar*, Lopo Vaz Vogado, capitão ordinário de viagem; e na nau *Galega*, que foi a que se perdeu depois, Pêro Lopez de Sousa, e um Martim de Freitas, natural da ilha da Madeira, que naquele ano mataram em Damão com mais trinta e cinco homens que levava consigo. Velejando todas estas naus pela sua rota, prouve a Nosso Senhor que chegaram a salvamento a Moçambique, onde achamos de invernada a nau *São Miguel*, de que era capitão e senhorio um armador que se chamava Duarte Tristão, a qual tendo partido depois para o Reino muito rica, desapareceu sem até hoje se saberem novas dela, como por nossos pecados a outras algumas tem acontecido nesta carreira da Índia.

Depois de estas cinco naus estarem todas aviadas e prestes a partirem de Moçambique, o capitão da fortaleza, que era Vicente Pegado, apresentou aos capitães delas uma ordem do governador Nuno da Cunha, em que mandava que todas as naus que deste reino naquele ano ali fossem ter, se dirigissem a Diu e deixassem a gente na fortaleza, pela suspeita que se tinha da vinda da armada do turco, o que então se esperava na Índia, por causa da morte do Sultão Bandur, rei de Cambaia, que o governador tinha morto no Verão anterior.

Este assunto foi logo posto em conselho e foi determinado por todos que as três naus que eram de el-rei fossem a Diu conforme a ordem impunha, e as duas de mercadores fossem a Goa, por causa de alguns requerimentos e protestos que os seus procuradores sobre este caso já tinham feito.

Partidas as três naus de el-rei para Diu, e as duas de mercadorias para Goa, prouve a Nosso Senhor levá-las todas a salvamento. E surgindo as três na barra de Diu a cinco de Setembro do mesmo ano de 1538, Antônio da Silveira, irmão do Conde de Sortelha, Luís da Silveira, que então aí estava como capitão, as festejou e recebeu com muita alegria, com todas gastando largamente a sua fazenda, assim como em dar de comer a mais de setecentos homens, e também em outras mercês de dinheiro e esmolas que fazia continuamente. E vendo a gente desta armada tanta largueza e abastança, e que além disto lhe pagavam soldo e mantimento, se deixou ali ficar quase toda por sua própria vontade, sem ser necessário para isso nenhum rigor nem pena de justiça, como sempre era hábito nas fortalezas em que havia suspeita de cerco.

As três naus, depois de venderem ali bem suas fazendas, rumaram para Goa apenas com os oficiais delas e a gente do mar. Ali estiveram mais alguns dias, até que o governador acabou por as despachar para Cochim, e daí, tomada a carga, voltaram todas cinco para o Reino, onde chegaram a salvamento, levando também consigo em companhia outra nau nova que se fizera na Índia, de nome *São Pedro*, da qual veio como capitão, Manuel de Macedo, que trouxe o Basilisco, a que cá chamaram o tiro de Diu, por ter sido tomado aí, na morte do Sultão Bandur, rei de Cambaia, com mais outros dois do mesmo teor, os quais faziam parte dos quinze que o Rumeção, capitão-mor da armada do turco trouxe de Suez no ano de 1534, quando foi deste reino D. Pedro de Castelbranco, com as doze caravelas de socorro que partiram em Novembro.

3

Como de Diu me embarquei para o estreito de Meca, e do que passei nesta viagem

HAVENDO SÓ DEZESSETE DIAS que eu era chegado a esta fortaleza de Diu, onde se faziam prestes duas fustas para irem ao estreito de Meca, para saberem a certeza da armada dos turcos, de que já na Índia havia algum receio, me embarquei em uma delas, da qual ia como capitão um meu amigo, por me fazer ele grandes encarecimentos da sua amizade naquela viagem, mostrando-me muito fácil sair eu dela muito rico em pouco tempo, que era o que eu então mais pretendia que tudo.

Confiado nesta promessa e enganado com esta esperança, sem pôr diante dos olhos quão caro muitas vezes isto custa, e quão arriscada eu então levava a vida, tanto por não estar o tempo próprio, como pelo que depois sucedeu por pecados meus e de todos os que nela fomos, me embarquei com este meu amigo numa fusta que se chamava *Silveira*. Partidas estas duas fustas da fortaleza de Diu, e navegando juntas com um tempo assaz forte, na despedida do Inverno, com grandes chuvadas e contramonção, avistamos as ilhas de Curia, Muria e Abedalcuria, nas quais estivemos de todo perdidos, sem nenhuma esperança de vida. E tornando-nos, por não haver outro remédio, na volta do sudeste, prouve a Nosso Senhor que ferrássemos a ponta da ilha de Sacotorá, uma légua abaixo donde esteve a nossa fortaleza que D. Francisco de Almeida, primeiro vice-rei da Índia, fez, quan-

do no ano de 1507, partiu deste reino. E ali fizemos a nossa aguada e conseguimos algum refresco, que por nosso resgate compramos aos cristãos da terra, que descendem daqueles que antigamente o apóstolo São Tomé converteu nas partes da Índia e Coromandel.

Desta ilha nos partimos com a intenção de chegar às portas do estreito, e em nove dias de tempo bonançoso nos pusemos por alturas de Maçuá, onde ao pôr-do-sol avistamos um barco o qual seguimos com tanta pressa que, rendido o quarto da prima, o alcançamos. E, querendo nós, com modos de boa amizade, falar com o capitão dela, para nos informarmos do que pretendíamos saber da armada do turco, se era já partida de Suez ou que novas havia dela, a resposta dos da nau foi tão diferente da que esperávamos, que sem falarem palavra nos assombraram com doze pelouros, dos quais cinco eram de falcões e roqueiras, e sete de berços, além de muitas arcabuzadas que também nos atiraram, como gente que nos não tinha em boa conta. E de quando em quando nos dirigiam muitas gritas e apupos, e capeando-nos com bandeiras e toucas, mostravam-nos do alto da popa muitos terçados nus, esgrimindo com eles no ar, para que nos chegássemos a eles.

Com a primeira vista destas suas fanfarronices, ficamos nós algum tanto embaraçados. E conversando ambos os capitães e os outros companheiros sobre o que se faria neste caso, se concluiu, por parecer da maioria, que não se deixasse ir os inimigos a salvo, mas que se trabalhasse todo o possível para os irmos atacando com a artilharia até que fosse manhã, porque então nos seria mais fácil e menos perigoso abalroá-los, o que assim se fez. E dando-lhe caça durante o resto da noite, prouve a Nosso Senhor que já quase manhã ela mesma se rendeu por si, com morte de sessenta e quatro homens, dos oitenta que nela vinham; e os que ficaram vivos quase todos se lançaram ao mar, tendo este por melhor partido que morrerem queimados com as panelas de pólvora que nós lhes lançávamos. Assim, de todos os oitenta não escaparam senão cinco muito feridos, dos quais um foi o capitão da nau, o qual metido a tormento confessou que vinha de Judá, donde era natural, e que a armada do turco tinha já partido de Suez, com tenção de vir tomar Aden e aí fazer uma fortaleza antes de atacar a Índia, porque assim cumpria o baxá do Cairo, que nela vinha como capitão-mor, um dos capítulos das ordens que o turco lhe mandara de Constantinopla. E disse também outras muitas coisas particulares muito importantes ao nosso propósito. Entre algumas que nos disse, nos veio a confessar que era cristão renegado, maiorquino de nação, natural de Cerdenha, filho de um mercador que se chamava Paulo Andrés e que não havia mais de quatro anos que se tornara mouro, por amor de uma grega moura com a qual era casado. Os capitães então lhe perguntaram se queria voltar à antiga fé e fazer-se cristão, ao que ele respondeu tão duramente e tão fora de toda a razão,

como se tivesse nascido e sido criado sempre naquela maldita seita. Vendo os capitães quão cego e desatinado estava este mal-aventurado no conhecimento da santa e católica verdade de que lhe falavam, havendo ainda tão pouco tempo que fora cristão, como tinha confessado, encheram-se de cólera, com um zelo santo da honra de Deus, o mandaram atar de pés e mãos, e vivo foi lançado ao mar com um grande penedo ao pescoço, donde o Diabo o levou a participar nos tormentos de Mafamede, em quem tão crente estava. A nau, com os mais, foi metida no fundo, por ser a fazenda fardos de tintas do gênero do pastel, que nos não servia para nada, tirando algumas peças de chamalote que os soldados tomaram para se vestir.